



Este artigo está licenciado sob uma licença Creative Commons Atribuição 3.0 Unported.

Você tem direito de:

Compartilhar — copiar e redistribuir o material em qualquer suporte ou formato

Adaptar — remixar, transformar, e criar a partir do material para qualquer fim, mesmo que comercial.

De acordo com os termos seguintes:

Atribuição — Você deve dar o crédito apropriado, prover um link para a licença e indicar se mudanças foram feitas. Você deve fazê-lo em qualquer circunstância razoável, mas de maneira alguma que sugira ao licenciante a apoiar você ou o seu uso.

Sem restrições adicionais — Você não pode aplicar termos jurídicos ou medidas de caráter tecnológico que restrinjam legalmente outros de fazerem algo que a licença permita.



This article is licensed under a Creative Commons Attribution 3.0 Unported License.

You are free to:

Share — copy and redistribute the material in any medium or format

Adapt — remix, transform, and build upon the material for any purpose, even commercially.

Under the following terms:

Attribution — You must give appropriate credit, provide a link to the license, and indicate if changes were made. You may do so in any reasonable manner, but not in any way that suggests the licensor endorses you or your use.

No additional restrictions — You may not apply legal terms or technological measures that legally restrict others from doing anything the license permits.

Afeganistão: qual destino na política externa dos Estados Unidos em 2009?

Afghanistan: whither American foreign policy in 2009?

VIRGÍLIO ARRAES*

Meridiano 47 n. 98, set. 2008 [p. 16 a 17]

Durante a bipolaridade, coube ao Partido Republicano encerrar duas longas confrontações iniciadas na Ásia pelos democratas, seus opositores: Coréia nos anos 50 e Vietnã, nos 70. Competiria aos democratas, se vitoriosos, o mesmo encargo, de difícil execução. Se houvesse a mudança de posicionamento, cessariam os efeitos colaterais como a existência de prisões secretas fora do território estadunidense ou a aplicação de maus tratos aos detentos.

Todavia, há visões distintas no âmbito do Partido Democrata sobre a participação dos Estados Unidos no Iraque e no Afeganistão. À primeira vista, o Irã não seria evocado com vistas a um empreendimento bélico.

Quanto à duração da permanência em território iraquiano, os democratas subscrevem a necessidade de retirarem-se gradativamente as forças armadas do castigado país. Cinco anos e meio de presença auxiliaram a desestabilizá-lo ainda mais e, desta forma, contribuir para o maior empobrecimento da desvalida população.

No tocante à continuidade no Afeganistão, não há consenso sobre o retorno dos efetivos, mesmo após sete anos. Invoca-se o argumento de que lá estaria o centro do terror fundamentalista, visualizado no grupo do intangível Osama Bin Laden - ele mesmo pode estar refugiado no Paquistão, ainda aliado dos Estados Unidos.

Assim, contingentes em atuação no Iraque poderiam ser deslocados para travar o combate no local 'correto'. Estima-se em mais dez mil logo nas primeiras semanas de 2009 se Obama tornar-

se o novo titular da Casa Branca. Desde janeiro de 2008, os Estados Unidos enviaram mais de três mil fuzileiros para as frentes de batalha.

É possível especular se nestes anos todos o problema foi de fato a insuficiência militar ou simplesmente a falta de apoio da população local, desgastada pelo envolvimento em confrontos há mais de um ¼ de século, desde a entrada em seu território de tropas da antiga União Soviética - em quase vinte anos de permanência, mais de 15 mil militares morreram em combates.

Atualmente, a ação da Organização do Tratado Atlântico Norte (OTAN) engloba constantes ataques aéreos, nem sempre de precisão cirúrgica como o realizado no dia 22 de agosto no estado de Herat, em retaliação a uma investida do Talibã contra uma patrulha da coligação. Quase 40% das mortes dos 700 civis em 2008, de acordo com a avaliação das Nações Unidas, podem ter sido por mãos de efetivos ocidentais.

A existência indefinida de um exército estrangeiro, não obstante as intensas rivalidades étnicas, auxilia a evocar um sentimento maior, o de nacionalidade. Nem sequer o valor ofertado como recompensa por Bin Laden ou pelo Mulá Omar - respectivamente 25 milhões e 10 milhões de dólares - refletiu positivamente para a coligação atlântica.

Despachar mais combatentes não é o melhor encaminhamento, mas decerto é o menos inventivo, visto que muitos afegãos apoiaram, de início, a intervenção provisória, na esperança de que ela proporcionasse ao país a tardia incorporação à chamada globalização virtuosa e, deste modo,

* Professor do Instituto de Relações Internacionais da Universidade de Brasília - iREL-UnB (arraes@unb.br).

possibilitasse a sua modernização por meio de fluxos contínuos de investimentos.

No entanto, não chegou capital para a recuperação da infra-estrutura, sem recursos desde a época soviética, sequer para as cidades mais importantes. Energia elétrica contínua e água potável não integram o cotidiano da população – a mortalidade infantil é uma das mais altas do planeta e doenças como tuberculose e poliomielite proliferam.

Ao mesmo tempo, aguardou-se uma modificação social que permitisse maior participação das mulheres na nova fase política do país e ampliasse o acesso à educação formal – parcela significativa do povo é analfabeta, sendo o índice maior quando aplicado apenas às mulheres.

Em 2004, a Constituição assegurou a igualdade de direitos e deveres a todos os cidadãos. No ano seguinte, a composição feminina do parlamento superou 1/4. Vários tratados internacionais, relativos aos direitos humanos, têm sido subscritos pelo Executivo. Na prática, porém, a assimetria não foi superada.

A formulação de política externa dos neoconservadores da administração Bush no Oriente Médio e cercanias mostrou-se rudimentar. Esposar a idéia

de que a implementação de um governo secular no Afeganistão resolveria de súbito antigas disputas internas - sendo muitas delas de origem religiosa - e simultaneamente aproximá-lo-ia de diretrizes ocidentais era temerária desde o início. Entrementes, a postura democrata de incrementar a guerra poderá ser mais imprudente ainda.

Recebido em 01/09/2008

Aprovado em 04/09/2008

Palavras-chaves: Afeganistão, Estados Unidos, eleição norte-americana

Key words: Afghanistan, United States

Resumo: o artigo trata do fracasso da política externa norte-americana no Afeganistão. Aborda ainda a possibilidade de mudança caso o Partido Democrata vença as eleições presidenciais.

Abstract: the failure of American foreign policy toward Afghanistan, considering also changes in policy in the event of a Democratic Party victory in the presidential elections.

